

HIPHOP: RAP, BREAK E GRAFITE: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tatiane Alves Maciel BARBOSA
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: ricardoetatiane@yahoo.com.br

Resumo: O contato com a função social de alguns estilos musicais e suas letras é importante porque permite ao estudante dialogar, por meio da letra, do som, da dança e do grafite, com a realidade na qual está inserido. No caso específico do Hip Hop, o estudante precisa apreender das explicações e coletânea de textos fornecidos a cultura desse estilo bem como a denúncia que se propõe fazer das fraturas sociais brasileiras. Nossa sugestão, neste trabalho, é a de que estudantes do ensino fundamental construam um projeto com Hip Hop, criando letra e som, montando coreografia com o *street dance/break* e alguns grafites que ilustrem a letra, com auxílio dos professores de Literatura, Educação Física e Artes. Dessa forma, em sequências didáticas, segundo DOLZ e SCHNEUWLY (2004), os alunos vão assimilando os conteúdos estudados ao colocá-los em sua prática escolar. Também pode-se fazer uma comparação e reflexão do hip-hop e o samba feito nas escolas de samba, pois os estudantes serão levados a compreender a brasilidade e autenticidade do samba carnavalesco que, em sua origem, tem o objetivo de construir uma identidade legítima em seus temas e letras. Sendo assim, esta proposta artística de Hip Hop que englobará a música (rap), a dança (break) e o desenho e pintura (grafite) proporcionará aos alunos do ensino fundamental o contato com a cultura afro-brasileira. Assim, a escola cumprirá, portanto, seu papel fundamental na formação da identidade das crianças e jovens que terão clareza da necessidade de reconhecer e respeitar a diversidade da qual é constituída a sociedade e que valorizem a inclusão social para que a escola possa se tornar, de fato, um espaço intercultural, conforme ABRAMOWICZ & OLIVEIRA (2006).

Palavras-chave: hip-hop; rap; break; grafite; interdisciplinaridade.

1. Introdução

É indiscutível a necessidade de se trabalhar com turmas de ensino fundamental II e ensino médio com muita criatividade, para que as aulas não se tornem desagradáveis e cansativas, o que causa apatia e desinteresse dos alunos.

Uma opção atrativa, agradável e motivadora para se desenvolver um bom trabalho é levar para a sala de aula elementos que estejam diretamente ligados à cultura popular da classe jovem, que fale a mesma linguagem deles.

Não é de hoje que Hip Hop se transformou em objeto de estudo para teses de graduações, especializações, mestrados e até doutorados. O tema Hip Hop passou a ser visto além das linhas que antes delimitavam e marginalizam esta cultura tão popular.

As variadas vertentes dos quatro principais elementos do Hip Hop deram a possibilidade de especialistas descobrirem algo que os pertencentes à cultura já conheciam de longa data, como por exemplo, o poder transformador no Hip Hop, a rica linguagem expressada nas letras e melodias do Rap, os passos criados e perpetuados pelos B. Boys, a importância e os ótimos resultados da incorporação do Hip Hop nas salas de aula.

Sendo assim, este trabalho configura-se numa proposta interdisciplinar com os estilos musicais Hip Hop e Rap, além da utilização do break e do grafite para se integrar várias áreas, fazendo assim um trabalho interdisciplinar motivador e ligado à prática real da cidadania.

O rap (ritmo e poesia) é de origem jamaicana, apareceu por volta dos anos 60 nos guetos e nas periferias. Sons eram instalados pelas ruas, tendo sempre um DJ e um “toaster” (que fala durante a execução da música). Acredita-se que o rap tenha sido a força para o hip hop, pois muitos jovens emigraram para os Estados Unidos, em razão dos problemas políticos e econômicos que o país passava na época, através de Kool Herc, um dos maiores DJs.

Além disso, deve-se destacar que o surgimento do Hip Hop também é marcado pela opressão social sofrida pelas classes mais abastadas. Assim, os jovens passaram a reivindicar seus direitos, por meio de letras musicais ritmadas e poéticas, porém tanto quanto hostis.

Dessa forma, o Hip Hop é uma cultura criada nas ruas, por meio da união desses jovens de periferias, atrelando a expressão de quatro vertentes artísticas: o grafite, os DJs, os MCs (rimas improvisadas) e o break (estilo de dança).

Percebe-se que, desses movimentos, surgem as letras agressivas e questionadoras, contra as imposições das leis, as injustiças sociais, a violência nas favelas, a desvalorização do negro na sociedade, sexo, drogas, dentre outros.

Sem dúvida, pode-se afirmar que a diversidade cultural desses movimentos é muito rica, podendo ser bem explorada no contexto escolar de forma interdisciplinar.

Sendo assim, esta proposta inclui trabalho com letras de músicas e textos ligados ao Hip Hop rap nas aulas de língua portuguesa, história e geografia de séries do ensino fundamental, bem como o trabalho com o grafite nas aulas de arte e língua portuguesa e a expressão, o movimento e o break nas aulas de educação física.

2. Interdisciplinaridade em foco

O termo interdisciplinar aparece nos PCNs de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (PCNLP, 1998). A ocorrência remete aos temas transversais e às articulações passíveis de serem estabelecidas por essa disciplina:

Os temas transversais abrem a possibilidade de um trabalho integrado de várias áreas. Não é o caso de, como muitas vezes ocorre em projetos interdisciplinares, atribuir à Língua Portuguesa o valor meramente instrumental de ler, produzir, revisar e corrigir textos, enquanto outras áreas se ocupam do tratamento dos conteúdos. Adotar tal concepção é postular a neutralidade da linguagem, o que é incompatível com os princípios que norteiam estes parâmetros. Um texto produzido é sempre produzido a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. Compreender um texto é buscar as marcas do enunciador projetadas nesse texto, é reconhecer a maneira singular de como se constrói uma representação a respeito do mundo e da história, é relacionar o texto a outros textos que traduzem outras vozes, outros lugares. Dada a importância da linguagem na mediação do conhecimento, é atribuição de todas as áreas, e não só da de Língua Portuguesa, o trabalho com a escrita e a oralidade do aluno no que for essencial ao tratamento dos conteúdos. (PCN, 1998, p. 40-41)

Neste sentido, um dos caminhos a ser seguido pelo professor é o trabalho numa perspectiva interdisciplinar, integrando as várias disciplinas que compõem o currículo escolar, mostrando aos alunos que não existe fronteira entre as disciplinas, mas que uma perpassa pela outra, complementando-a. Para Câmara (1999, p.15),

A interdisciplinaridade deve ser pensada como entre ciências, por um lado, considerando o território de cada uma delas e, ao mesmo tempo, identificando possíveis áreas que possam se entrecruzar, buscando as conexões possíveis. E essa busca se realiza por meio de um processo dialógico que permite novas interpretações, mudança de visão, avaliação crítica de pressupostos, um aprender com o outro, uma nova reorganização do pensar e do fazer.

Esse entendimento leva-nos a refletir que a interdisciplinaridade é um exercício de recuperação da ideia de unicidade do conhecimento humano que, com o avanço da ciência, foi se ramificando e se especializando de tal forma que as partes parecem não estar mais ligadas ao todo. Somente os professores podem ter uma participação extremamente importante no processo de romper com essa tradição alienante e superar essa contradição histórica entre o saber e a realidade.

Então, pode-se afirmar que é possível a interação entre disciplinas aparentemente distintas. Esta interação é uma maneira complementar ou suplementar que possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo, saber esse que deve ser valorizado cada vez no processo de ensino-aprendizado. É por meio dessa perspectiva que ela surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas, proporcionando um diálogo entre estas, relacionando-as entre si para a compreensão da realidade. Então, pode-se afirmar que a interdisciplinaridade busca relacionar as disciplinas momento de enfrentar temas de estudo.

Segundo Libâneo (1994), o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos, ou seja, o professor dirige o estudo das matérias e, assim, os alunos atingem progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. É importante ressaltar que o direcionamento do processo de ensino necessita do conhecimento dos princípios e diretrizes, métodos, procedimentos e outras formas organizativas. Ela implica a articulação de ações disciplinares que buscam um interesse em comum. Dessa forma, a interdisciplinaridade só será eficaz se for uma maneira eficiente de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos atores da unidade escolar.

Sendo assim, a interdisciplinaridade oferece uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca do contexto do conhecimento, em busca do ser como pessoa integral. Deve-se ressaltar que a interdisciplinaridade visa garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com os limites das disciplinas.

Trabalhar, então, nessa perspectiva, exige uma postura do professor que vai além do que está descrito nos PCNS, pois é necessário que ele tenha uma atitude endógena e que faça uso de metodologias didáticas adequadas para essa perspectiva. É por meio do ensino interdisciplinar, dentro do aspecto histórico-crítico, que os professores possibilitarão aos seus alunos uma aprendizagem eficaz na compreensão da realidade em sua complexidade.

Acredita-se, então, que este projeto que trabalha com hip-hop, rap, break e grafite, por meio da aprendizagem significativa, de sequências didáticas e da interdisciplinaridade, é uma proposta eficaz para a construção do sujeito crítico, com a maior possibilidade de envolvimento e participação de alunos nas aulas de língua portuguesa e, por consequência, um provável aumento no índice de alunos leitores, falantes e escritores proficientes na língua materna, além de cidadãos éticos, humanizados e que valorizam todos os grupos sociais.

3. Hip-Hop e Rap na língua portuguesa

O rap é o estilo musical dentro do hip-hop e é feito pelo Mc. O rap, na verdade, é uma sigla normalmente descrita como *Rythm and Poetry*, ou seja, ritmo e poesia, mas, com o tempo, na língua portuguesa, a sigla rap começou a ganhar outro significado: revolução por meio das palavras. Isso se deve ao fato de as letras de rap, na sua grande maioria, serem letras que descrevem a dura realidade das periferias. É também mais conhecido como uma música de protesto, apesar de, nas suas origens, também falar sobre festas e diversão.

Além disso, o rap é caracterizado por ter uma batida rápida e acelerada e a letra em formato de discurso, prezando-se mais a letra do que a melodia e também por ser util uma linguagem pouco formal, uma linguagem das ruas.

Em língua portuguesa e literatura, as letras das músicas podem ser exploradas, pois são de alta qualidade. No Brasil, existem grandes nomes do Hip Hop do rap, que podem ser trabalhados e interpretados pelos alunos. Exemplo disso é o cantor Gabriel, que se intitulou como “OPensador”, com letras que dão destaque aos preconceitos estabelecidos pela sociedade. MV Bill já é um rapper mais atual, dos anos 90, que viveu sob os massacres da Cidade de Deus no Rio de Janeiro.

Das bandas internacionais, podemos destacar o grupo Eminem, que também apresenta letras agressivas, integradas à realidade social, sempre questionando os culpados dos problemas sociais, a falta de políticas próprias para as populações periféricas, etc.

Em pesquisas históricas e literárias, pode-se levantar o surgimento dos dois estilos, por meio de pesquisas mais detalhadas, além de pesquisar a origem das bandas, a formação dos grupos, levando para análises críticas e político-sociais, buscando entender o que pretendem atingir com a agressividade das letras.

Além disso, outras pesquisas geográficas podem pontuar as áreas nas quais os movimentos apareceram, como vivem as populações periféricas, as condições precárias das favelas, a falta de saneamento básico, etc.

É possível, além de fazer análises de letras de rappers, juntamente com pesquisas históricas e geográficas, incentivar a escrita e produção de raps a partir de enredo de obras literárias lidas que tratam de assuntos da cultura afro-latina. Ao analisar uma obra com os alunos, torna-se possível resumir o enredo em grupos e/ou pares e propor criações de raps para difusão e valorização da cultura afro-latina.

Também se pode fazer uma comparação e reflexão do hip-hop e o samba feito nas escolas de samba, pois os estudantes serão levados a compreender a brasilidade e autenticidade do samba carnavalesco que, em sua origem, tem o objetivo de construir uma identidade legitimada em seus temas e letras.

A motivação dos alunos, sem dúvida, acontecerá tendo em vista que os jovens se interessam pela música e, sobretudo, pelo estilo de expor críticas e criar músicas para apresentações significativas e culturais no âmbito escolar.

Deve-se salientar também que estas aulas de análises de obras, de pesquisas geográficas e históricas, de construções de textos e raps dos enredos acontecerão por meio de sequências didáticas.

Segundo DOLZ e SCHNEUWLY (2004), o procedimento sequência didática (SD) é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever.

Assim, as sequências didáticas ou sequências de atividades de ensino/aprendizagem são: “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas

para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1999 :18).

Para Dolz e Schneuwly (1996), uma sequência didática consiste em se elaborar um projeto de apropriação das dimensões constitutivas de um gênero textual, que são como instrumentos que permitem agir em situações de comunicação diversas. Elas nos permitem avaliar a pertinência ou não de cada uma das atividades, a necessidade de outras ou a ênfase que devemos lhes atribuir.

4. Hip-Hop e Grafite nas artes

A arte do grafite é uma forma de manifestação artística em espaços públicos. A definição mais popular diz que o grafite é um tipo de inscrição feita em paredes. Existem relatos e vestígios dessa arte desde o Império Romano. Seu aparecimento na Idade Contemporânea se deu na década de 1970, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Alguns jovens começaram a deixar suas marcas nas paredes da cidade e, algum tempo depois, essas marcas evoluíram com técnicas e desenhos.

O grafite está ligado diretamente a vários movimentos, em especial ao Hip Hop. Para esse movimento, o grafite é a forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive, principalmente os menos favorecidos, ou seja, o grafite reflete a realidade das ruas. O grafite foi introduzido no Brasil no final da década de 1970, em São Paulo. Os brasileiros não se contentaram com o grafite norte-americano, então começaram a incrementar a arte com um toque brasileiro. O estilo do grafite brasileiro é entre os melhores de todo o mundo.

Nesta perspectiva, o grafite do movimento Hip Hop deve integrar as aulas de artes e história da arte, onde os alunos serão levados a produzir obras de arte em tecidos, cartazes ou mesmo numa parede cedida pela direção da escola. Mas tudo deve ser embasado em lutas sociais e reivindicações para uma sociedade mais justa.

O tema proposto serve de palco para grandes discussões dentro de sociologia e filosofia, levantando-se questões sobre os movimentos sociais, as divisões da sociedade em classes, os direitos e deveres dos cidadãos, o que se busca atingir com tais estilos musicais, como os jovens de hoje reagem diante dos ritmos apresentados, etc.

Todo o projeto vai caminhar de acordo com os interesses da turma, atrelados aos objetivos dos professores, para que não se percam o fio dos conteúdos a serem integrados ao mesmo. Porém, o principal de se trabalhar com projetos é o “fazer/produzir”, que possibilita a criatividade dos envolvidos e motiva para uma aprendizagem de qualidade, voltada para o desenvolvimento integral dos sujeitos, inseridos na sociedade. E, por meio dessas aulas, teremos alunos realizados e transformados.

5. Hip-Hop e Break na educação física

As primeiras manifestações da dança de rua surgiram na época da grande crise econômica dos EUA, em 1929, quando os músicos e dançarinos que trabalhavam nos cabarés ficaram desempregados e foram para as ruas fazer seus shows. Em 1967, o cantor James Brown lançou essa dança por meio do funk.

O Break, uma das vertentes do *street dance*, explodiu nos EUA em 1981 e se expandiu mundialmente, sendo que, no Brasil, devido à sua cultura, os dançarinos incorporaram novos elementos de dança. Em janeiro de 1991, foi criado na cidade de Santos, o primeiro curso de “Dança de Rua” no Brasil, idealizado e introduzido pelo coreógrafo e bailarino Marcelo Cirino, baseado em trabalho prático e de pesquisa desde 1982. O curso virou projeto e para

alguns “religião”, sempre com o apoio da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Santos. Hoje, sua repercussão mundial retrata o reconhecimento do trabalho e não um simples modismo.

Segundo Alves e Dias (2004), o jovem que dança o *Break* encontra nesta manifestação uma via alternativa de vivência que lhe permite reinventar sua subjetividade. Assim, o que vem de fora, imposto pelo armamento político-econômico que categoriza o sujeito sob as rédeas de uma sociedade dividida em classes, afeta o sujeito, mas este, por sua vez, forja espaços sob esta malha opressiva, mostrando que também pode, mas de outra maneira, além dos ideais vigentes.

Desta forma, o jovem não se sente tão carente frente a tumultos da vida contemporânea, aliás, o jovem acabando no ritmo destes tumultos, pois ele vai produzindo linguagem corporal para atender a este estranho processo de intensa transformação social.

Sendo assim, a dança *Break*, portanto, assume uma função nobre que a conduz para raízes da vida. Mais do que uma modalidade de dança, o *Break* é uma maneira de existir. Re-significando a existência por meio de sua própria expressão artística é uma atitude do corpo, a favor de sua própria valorização. O próprio corpo do jovem também se encontra em estranhamento, pois suas inquietações fisiológicas, como a necessidade sexual, causam-lhe estranheza e o jovem acaba criando linguagem para estas inquietações. É neste momento da linguagem que nasce a dança. Um momento de outra temporalidade, além daquele linear do discurso que possibilita dar sequência aos eventos, como numa relação de causa e efeito. O que é estranho é indizível, portanto não conhecemos, apenas sentimos.

Este cenário é propício para que o professor de educação física explore e neste projeto de Hip Hop a dança desta manifestação que explora movimento, sensibilidade, sexualidade e expressão.

6. Proposta de Hip-Hop: Rap, Break e Grafite nas séries do ensino fundamental

Esta proposta artística de Hip Hop que englobará a música (rap), a dança (break) e o desenho e pintura (grafite) proporcionará aos alunos do ensino fundamental o contato com a cultura afro-brasileira. Assim, a escola cumprirá, portanto, seu papel fundamental na formação da identidade das crianças e jovens que terão clareza da necessidade de reconhecer e respeitar a diversidade da qual é constituída a sociedade e que valorizem a inclusão social para que a escola possa se tornar, de fato, um espaço intercultural, conforme ABRAMOWICZ & OLIVEIRA (2006).

O trabalho de ABRAMOWICZ & OLIVEIRA (2006) reitera que a instituição escolar tem um papel fundamental na formação da identidade das crianças que são acolhidas nela, mas também precisa ter clareza da necessidade de "positivar" a diversidade da qual é constituída. Além disso, na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. O rendimento escolar evidencia algumas distorções, que forçam a difícil tarefa de reconduzir esses alunos, sobretudo afro-brasileiros, ao processo de ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário, neste sentido, nas séries do ensino fundamental, incorporar o discurso das diferenças não como desvio, mas como algo enriquecedor de nossas práticas e das relações entre as crianças, possibilitando, desde logo, o enfrentamento de práticas de racismo e a construção de posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, à construção de uma sociedade mais plural.

Assim, no intuito de promover uma sensibilização na luta contra o racismo, elevar a auto-estima dos (as) alunos (as) negros (as) e promover o reconhecimento e a valorização do povo negro é que será apresentada uma proposta interdisciplinar de Hip-Hop, englobando o rap, o break e o grafite nas séries do ensino fundamental.

Este trabalho aborda visibilidade às questões étnico- raciais, amparada pela lei nº 10.639 que institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo, além do Parecer CNE/CP 003/04 que implementa as Diretrizes lares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, fornecendo-nos elementos para um trabalho enriquecedor.

Cabe ressaltar que o trabalho realizado não foi voltado apenas para crianças negras e sim para todas, no intuito de promover uma educação racial de negros e não-negros, como aborda ALGARVE (2004):

Se por um lado, trabalhar a valorização do negro, de sua cultura e sua história favorecerá as crianças negras, sua auto-estima e sua identidade, por outro lado, as crianças brancas também serão beneficiadas, pois nã serão educadas achando que praticar o racismo, o preconceito e a discriminação é normal. (p.16)

Essa proposta nos proporcionou uma conexão com diversas disciplinas História, Geografia, Educação Artística, Educação Física, Filosofia, Sociologiae Língua Portuguesa, com foco para a prática da leitura, escrita, pesquisa, dança e arte.

A primeira etapa do projeto inclui a leitura de obras e oficinas de contações histórias, tais como: Menina Bonita do Laço de Fita (MACHADO, 2000), Bruna e a Galinha D`Angola (ALMEIDA, 2004), Luana, a menina que viu o Brasil neném (MACEDO, 2000), A Semente Que Veio da África (LIMA, 2005), Gosto de África (SANTOS,2006), Histórias da Preta (LIMA,2006), Kalahari – uma aventura no deserto africano (BARBOSA, 2009) entre outros.

Com as leituras das obras, são propostas atividades, juntamente com professores de História e Geografia, sobre personalidades e características dos povos africanos. Dessa forma, realizam-se textos reflexivos das obras lidas, charges, cartuns, painéis e, sobretudo, raps que resumem a história trabalhada. Juntamente com o trabalho de língua portuguesa, são necessárias pesquisas, reflexões e debates com orientação de professores de História, Geografia, Filosofia e Sociologia.

Além disso, os professores de Artes e Educação Física, trabalham grafites e danças (break), relacionando estas atividades com o enredo das obras lidas. Assim, são propostos painéis de grafites com personagens e personalidades citadas nas obras literárias lidas e, também, apresentações artísticas e de movimento, envolvendo o rap construído nas aulas de Português e o break, trabalhado em danças, nas aulas de Educação Física.

Torna-se possível, então, desenvolver essas propostas interdisciplinares, envolvendo literatura afro-latina nas séries do ensino fundamental. Enfim, a culminância desse projeto pode envolver uma atividade cultural na escola com exposições dos grafites, dos textos, das pesquisas e apresentações das danças e dos raps construídos.

7. Conclusões

A escola, como instituição social, é responsável pelo de socialização dos sujeitos que a ela recorrem, a exemplo das crianças, e, nesse sentido, é por meio dela, que se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares e, inevitavelmente, de diferentes culturas.

Esse contato diversificado, ou contato entre diferentes, faz da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. A relação estabelecida entre crianças brancas e negras numa sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, segregando, excluindo, possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social. As discriminações no interior da escola contrapõem a comum afirmação de que a escola é o lugar da igualdade. A escola, ao mesmo tempo em que é vista como uma via de acesso à cidadania, à capacidade crítica, ao mercado de trabalho, também é considerada como um mecanismo de exclusão social.

O educador desempenha um papel social importante na (re) construção das identidades individuais de seus educandos. Dentro desta perspectiva a sua atuação diante da diversidade étnica e cultural tanto pode contribuir para a preservação e legitimação dos preconceitos quanto para a sua reconstrução. As salas de aula são os espaços na escola onde os alunos passam a maior parte do tempo. Nesse sentido, esse espaço ocupa uma posição fundamental e a compreensão sobre o mesmo pode revelar significativos elementos da rotina escolar.

Sendo, assim, precisamos, cotidianamente, problematizar as práticas de racismo e suas manifestações, tanto aquelas praticadas pela sociedade, ou seja, em espaços externos ao da escola, quanto às vivenciadas nos espaços escolares. O que não se pode, uma vez que essa prática é insuficiente, é utilizar-se somente de “reclamações”, pensando que tais atitudes, efetivamente, combateriam o racismo. Infelizmente, o racismo e outros tipos de preconceito é uma realidade na escola, no entanto, o papel do professor é fundamental na mudança desta realidade.

Neste sentido, a Lei 10.639/03 pode configurar-se como um instrumento de luta para o questionamento da ordem vigente, na medida em que coloca em xeque construções ideológicas de dominação, fundadoras da sociedade brasileira. Conforme Gomes,

A Lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais podem ser consideradas como parte do projeto educativo emancipatório do Movimento Negro em prol de uma educação anti-racista e que reconheça e respeite a diversidade. Por isso, essa legislação deve ser entendida como uma medida de ação afirmativa, pois introduz em uma política de caráter universal, a LDBEN 9394/96, uma ação específica voltada para um segmento da população brasileira com um comprovado histórico de exclusão, de desigualdades de oportunidades educacionais e que luta pelo respeito à sua diferença (2007, p.106).

Uma das reflexões possíveis a partir desta proposta é que a formação do professor deve ter um foco humanizado, sensibilizar o professor questões históricas de racismo, escravidão, lutas de movimentos e políticas afirmativas é um passo fundamental para envolver esse educador na formação humana e social do aluno.

Sem dúvida, basta querer trabalhar de forma humana, cidadã e ética, além de também estar aberto para tais propostas interdisciplinares, como esta apresentada neste trabalho, em busca de um processo ensino-aprendizagem não fragmentado e significativo para os educandos.

8. Referências

ABRAMOWICZ, Anete. OLIVEIRA, Fabiana de. *A escola e a construção da identidade na diversidade*. In: ABRAMOWICZ, Anete. BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.) *Educação como prática da diferença*. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

ALVES, F. S. & DIAS, Romualdo. *A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop*. Motriz, Rio Claro, v.10, n.1, p.01-07, jan./abr. 2004.

ALVES, F. S. *Dança de Rua: corpos e sentidos em movimento na cidade*. Rio Claro: Unesp, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. 1ª a 4ª Séries. *Temas Transversais*. 5ª a 8ª Séries. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004.

CARLOS, Jairo Gonçalves. *Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades*. Disponível em: http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf. acesso em: 22/04/10.

CERQUEIRA, Valdimarina Santos. *A construção da auto-estima da criança negra no cotidiano escolar*. In: *Negro e Educação: escola, identidade, cultura e políticas públicas / organizado por Iolanda de Oliveira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Regina Pahim Pinto*. São Paulo: Ação Educativa, ANPed, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade étnico-cultural. In: RAMOS, Marise Nogueira (et all.) *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2003.

GOMES, Nilma Lino. *Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões*. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*/ Nilma Lino Gomes. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Anais do SILIAFRO. Volume , Número 1. EDUFU,2012

GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago, n.23, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERSCHMANN, M. *O Funk e o Hip Hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

LABAN, R. *Domínio do Movimento*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.

MATTOS, Wilson Roberto de. *Valores civilizatórios afro-brasileiros na elaboração de currículos escolares – ensaiando pressupostos*. In: RAMOS, Marise Nogueira; ADÃO, Jorge Manoel; BARROS, Graciete Maria Nascimento (Coord.) *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação e Média e Tecnológica, 2003.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Hédio Jr. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Tradução: Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. *Os enfoques didáticos*. In: COLL, César et al. *O construtivismo na sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Ática, p. 153-196, 1999.